

Considerações Extemporâneas Acerca das 'Teses' Sobre o Conceito de História, de Walter Benjamin¹

Ernani Chaves

Departamento de Filosofia/CFCH/UFPA

Resumo: Objetiva-se indicar uma possibilidade de leitura das "Teses" Sobre o Conceito de História de Walter Benjamin, tomando como referência o pensamento de Nietzsche, em especial, as idéias expostas na 2ª Consideração Extemporânea citada por Benjamin na "Tese" XII. Parte-se do princípio de que o interesse de Benjamin pelo texto de juventude de Nietzsche está no fato de que, neste texto, Nietzsche endereça uma severa crítica ao Historicismo e, por extensão, ao Positivismo triunfante de sua época. Esta crítica será retomada por Benjamin (em termos propriamente "benjaminianos", evidentemente), uma vez que a crítica do Historicismo (e do Positivismo) é um dos temas centrais das "Teses".

Palavras-chave: Historicismo, positivismo, materialismo, cultura.

Extemporaneous Considerations Concerning Walter Benjamin's 'Theses' in *on the Concept of History*

Abstract: The purpose of this article is to suggest a possible way of reading Walter Benjamin's theses set forth in *On the Concept of History*, using Nietzsche's thinking as a reference, in particular ideas presented in his *Second Extemporaneous Considerations*, and cited in Benjamin's thesis number 12. Starting with the assumption that Benjamin took an interest in this early text because in it Nietzsche directs severe criticisms against historicism, and by extension, against positivism, the then dominant view. This criticism will be taken up again by Benjamin because a critique of historicism and positivism is one of the central themes of this thesis.

Key words: Historicism, positivism, materialism, culture.

O título desta exposição é proposadamente ambíguo. Em primeiro lugar, ele remete a uma perspectiva de leitura do último escrito de Benjamin que poder-se-ia chamar de "extemporânea", uma vez que não privilegia como modo de acesso ao texto nenhuma das vias que comumente se empregou para tal, em especial a querela entre a teologia e o marxismo. Sem negar essa dimensão fun-

damental, tal como a "Tese" I o testemunha, entendemos, entretanto, que outras vias de acesso ao texto de Benjamin são possíveis e, em vários aspectos, decisivas para a sua compreensão. Em segundo lugar, o título traz uma explícita referência ao escrito de Nietzsche sobre "a utilidade e a desvantagem da História para a vida", ou seja, à segunda de suas *Considerações Extemporâneas*, escrita entre

¹ Exposição feita na Mesa-Redonda sobre as "Teses" de Filosofia da História de Walter Benjamin, durante a Reunião Bi-Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia - ANPOF, realizada em outubro de 1994, em Águas de Lindóia. Mantivemos, para esta publicação, o caráter do texto que foi escrito, originalmente, para ser lido. As citações das obras de Walter Benjamin são feitas com a abreviatura GS (Gesammelte Schriften); o número romano indica o volume e o número arábico, a subsecção do volume. As citações das obras de Nietzsche, por sua vez, são feitas com a abreviatura KSA (Kritische Studien-Ausgabe), seguida do número arábico indicando o volume.

dezembro de 1873 e fevereiro de 1874. Assim, esses dois aspectos se entrecruzam, pois se trata de estabelecer as possíveis ligações entre esses dois pensadores e entre esses dois escritos. Trata-se, como se vê, de fazer interferir na filosofia da história de Benjamin sua *Begegnung* (encontro, cruzamento, “topada”) com o pensamento de Nietzsche. Tal *Begegnung*, longe de remeter a um encontro idílico ou amistoso, revela-se antes como *Auseinandersetzung*, isto é, como discussão, confrontação, conflito permanente. Se no período de seu engajamento na *Jugendbewegung* (Movimento de Juventude) Benjamin - e como ele, toda uma geração - encontrava em Nietzsche um “modelo” a ser imitado e seguido, na produção teórica dos anos 30, Benjamin confronta-se com Nietzsche de uma forma extremamente crítica. Entretanto, e isso nos parece interessante de assinalar, Benjamin se afastará decididamente de dois tipos de leitura - de certo modo hegemônicos - de Nietzsche a partir dos anos 20, na Alemanha: uma, de cunho marcadamente “irracionalista”, do qual Ludwig Klages e Oswald Spengler são exemplos e outra, de cunho fascista, que encontrou em Baumbler seu “teórico” e em Rosenberg seu “propagandista”. Assim, a *Begegnung* de Benjamin com Nietzsche revela também o quanto a leitura benjaminiana é ela mesma *Unzeitgemäss* (intempestiva, extemporânea) tanto em relação a critérios acadêmicos de leitura de textos filosóficos, quanto aos não menos rígidos critérios políticos.

A referência à **2ª Consideração Extemporânea** coloca em pauta o tema que, em princípio, vai aproximar Benjamin de Nietzsche: a crítica do Historicismo. Com isso, vamos reencontrar no último escrito de Benjamin os ecos de uma freqüentação bem antiga na sua vida e na sua obra, do escrito de Nietzsche sobre a História. De fato, já podemos en-

contrar muito cedo, em 1913, no calor de sua participação na *Jugendbewegung*, referências de Benjamin à **2ª Extemporânea**. Na época, ele afirmava a importância do texto de Nietzsche para as “reformas” que o Movimento de Juventude queria imprimir na escola e na cultura alemãs (GS II-1, 1991, p. 40)². Scholem, por sua vez, lembra no seu livro sobre Benjamin, que ao encontrá-lo em Berna, em 1918, reconhecia “com surpresa”, durante suas conversas e discussões com Benjamin “uma forte carga nietzscheana”: “Segundo ele [Benjamin] - escreve Scholem - Nietzsche fora no século XIX a única pessoa que vira experiência histórica onde se ‘experimentava’ apenas a natureza” (Scholem, 1989, p. 69). À luz desse tipo de declaração, não parece portanto, descabido que uma citação da **2ª Extemporânea** apareça como epígrafe na “Tese” XII. Além disso, é necessário observar que em pelo menos mais dois escritos do final dos anos 30, Benjamin volta a citar a **2ª Consideração Extemporânea** e, não por acaso, em dois textos que se encontram em íntima ligação com as “Teses”. O primeiro é o longo ensaio *Eduard Fuchs, der Sammler und der Historiker*³ (Eduard Fuchs, o Colecionador e o Historiador) e o segundo em *Sobre Alguns Temas em Baudelaire*⁴. Não esqueçamos que na 1ª e 2ª partes do ensaio sobre Fuchs trata-se - com expressões que serão retomadas nas “Teses” -, entre outros aspectos, da crítica do historicismo e que as “Teses” foram também pensadas por Benjamin como uma

² “Unterricht und Wertung”. (“Aula e Valoração”) GS II-1, p. 40. Para Oskar Schütz, um dos primeiros a investigar o significado de Nietzsche para a *Jugendbewegung*, a **2ª Consideração Extemporânea** era uma espécie de “palavra de ordem” do Movimento (Schütz, 1929, p. 85).

³ Escrito entre janeiro e fevereiro de 1937 e publicado na Revista do Instituto de Pesquisa Social, no segundo número desse mesmo ano, que apareceu, provavelmente, em outubro (GS II-2, 1991, p. 472, nota 9).

⁴ Escrito entre fevereiro e julho de 1939 e publicado no último número da Revista do Instituto de Pesquisa Social que apareceu na Europa, em janeiro de 1940 (GS I-2, p. 653).

preparação metodológica para uma “seqüência” do trabalho sobre Baudelaire⁵. Poderíamos afirmar, com base nessas referências, que Benjamin retoma no final dos anos 30 sua leitura da **2ª Extemporânea**. O objetivo da nossa exposição é, justamente, o de tentar esclarecer quais motivos estão na base do interesse de Benjamin por esse texto de juventude de Nietzsche. Ela está dividida em duas partes: na primeira, tentaremos mostrar, no contexto das “Teses”, como a crítica do Historicismo em Benjamin retoma a de Nietzsche; na segunda, agora mais especificamente ligada à Tese XII, tentaremos esclarecer um outro “motivo” da **2ª Consideração Extemporânea** presente nas “Teses”, não a partir destas, mas da referência que se encontra no ensaio sobre Eduard Fuchs e que diz respeito ao papel da ciência na “formação” (Bildung) da classe operária. Aos intérpretes de Benjamin, sem dúvida não escapou a importância da crítica nietzscheana do Historicismo para a filosofia da história de Benjamin. Entretanto, esse registro não passou, na grande maioria das vezes, de uma rápida referência, sem muitos aprofundamentos.

II

Recapitulemos, rapidamente, os pontos centrais da crítica de Benjamin ao Historicismo: na Tese V, a questão da “verdadeira imagem do passado”, onde Benjamin opõe o materialismo histórico ao historicismo. Enquanto este insiste em “fixar” essa “verdadeira imagem”, o materialismo histórico sabe que essa “verdadeira imagem” passa “célere e furtivamente”⁶; na Tese VI, num prolongamento da Tese V, critica o ideal de Leopold von Ranke (que não é citado explicita-

mente) de querer conhecer o passado “tal como ele propriamente foi”⁷; na Tese VI, a crítica a Fustel de Coulanges enuncia um dos princípios de crítica benjaminiana ao Historicismo, ou seja, a crítica da “empatia” (Einfühlung) entre o historiador historicista e os “vencedores”; na Tese XVI, insiste em que o fato do historiador querer “fixar” uma imagem “eterna” do passado implica um desconhecimento do presente, enquanto o materialismo histórico não pode “renunciar ao conceito de um presente que não é transição”; na Tese XVI, o historicismo é comparado a um “bordel” e o historicista a uma “prostituta” sempre a tagarelar “era uma vez ...”; na Tese XVII, critica o fato do Historicismo culminar na idéia de História Universal e no Apêndice “A” critica o “nexo de causalidade” que o Historicismo estabelece entre as diversas épocas da História. Sabemos com que objetivos Benjamin mobiliza sua crítica: contra um pressuposto epistemológico comum tanto ao Historicismo (entendido como historiografia burguesa) quanto à prática da social-democrata, isto é, uma concepção de temporalidade que Benjamin chama de um “tempo homogêneo e vazio”, ao qual opõe o “Jetztzeit” (“Tempo do Agora”) e uma crença “obstinada” na idéia de progresso. Sabemos também que Benjamin, de certo modo, responsabiliza o fracasso da resistência contra o fascismo nessa concepção errônea de temporalidade. Na Tese X, referindo-se aos políticos que “traíram a causa” (referência ao Pacto Hitler-Stalin), ele diz que “a crença obstinada desses políticos no progresso, sua confiança em sua ‘base de massa’ e, finalmente, sua submissão servil a um aparelho incontrolável são três aspectos de uma só e mesma coisa”.

Temos aí, mesmo que rápido,

⁵ Carta a Gretel Adorno, não publicada e a qual Adorno se refere num breve texto sobre as “Teses”, também não publicado (GS I-3, 1991, p. 1223).

⁶ Utilizamos a tradução inédita das “Teses” feita por Marcos Lutz Müller e Jeanne-Marie Gagnebin.

⁷ “Wie es eigentlich gewesen” (Cf. Geschichten der romantischen und germanischen Völker von 1994-1514, obra publicada em 1824).

um quadro daquilo que compõe a crítica de Benjamin ao Historicismo. De um lado, a crítica propriamente teórica e que tem três aspectos principais: a crítica da História Universal, a da “empatia” com o vencedor e, acrescentaríamos a isso, seguindo Ralf Konersmann (1992, p. 103-104), a crítica da “narrativa” historicista, isto é, da sua falsa epicidade ou falsa totalidade (Cf. Gagnebin, 1994, último capítulo), conforme nos indica uma das anotações preparatórias de Benjamin às “Teses”. Mas por outro lado, a crítica eminentemente política, no calor da hora, isto é, logo após a irrupção da 2ª Guerra Mundial e que se mostra uma crítica devastadora - em nome de Marx, dos Spartakistas e de Blanqui - da social-democracia.

Se voltarmos à **2ª Consideração Extemporânea** (e aqui, avisamos, nossa leitura desse texto de Nietzsche é, nesse momento, voltada para a sua utilização por Benjamin), veremos o quanto Benjamin pôde encontrar nesse texto uma efetiva ressonância às suas idéias. Avisamos mais uma vez, que não se trata de estabelecer uma continuidade serena entre os dois textos - o de Nietzsche e o de Benjamin -, pois há muitas diferenças entre um e outro. Pensemos, por exemplo, que Benjamin se afasta de toda idéia de um sentido “supra-histórico”, com o qual Nietzsche quer combater o “excesso de estudos históricos” ou ainda de qualquer relação com o conceito de “vida”, tal como Nietzsche o compreende nesse escrito (Gerhardt, 1988, p. 138). Deixemos de lado, portanto, uma leitura interna ao texto de Nietzsche, para tentar privilegiar nele o que Benjamin, provavelmente, privilegiou. Vejamos então, esses pontos.

1. Nietzsche critica no historiador tradicional o desejo de “conservação e veneração” do passado (KSA, 1, 1988, p. 265), que ele identifica como um ato de piedade do historiador em relação às suas

próprias origens, como se quisesse agradecer pela sua existência e como se fosse necessário, para saldar sua dívida imaginária com os pósteros, legar a eles a descrição de um passado harmonioso e feliz. Perde-se com isso, acrescenta Nietzsche, qualquer leitura crítica do passado, que acaba transformado numa grande “loja de antigüidades”, onde tudo possui o mesmo valor e a mesma proporção (KSA, 1, 1988, p. 267). Nietzsche já vê nessa atitude uma espécie de desprezo ao presente que se caracteriza por essa “mania antiquária” (KSA, 1, 1988, p. 268), que envolve o homem num “cheiro de mofo”. A conseqüência mais brutal disso tudo é transformar o “talento” para o pensamento em “curiosidade insaciável”, numa avidez em querer conhecer tudo o que é antigo, até o ponto de “devorar, com prazer, até mesmo o pó das minúcias bibliográficas” (KSA, 1, 1988, p. 268).

2. Nietzsche vê no Historicismo um desejo de retorno às origens, ao original, um desejo de “repetir” essa origem (lembramo-nos que na **2ª Extemporânea**, Nietzsche se refere de modo crítico e levemente irônico à doutrina pitagórica do Eterno Retorno), de “fixar” uma imagem eterna do passado, diria Benjamin. Entretanto, para Nietzsche, esse retorno às origens só se dá à custa do apagamento do que há de dor, terror e desgraça na história (KSA, 1, 1988, p. 288). Nietzsche compara o historiador a um mau músico, que tira da sua lira apenas os sons “delicados”, acordes “agudos e etéreos”: “isso é como adaptar a Sinfonia Heróica para duas flautas, para o uso determinado de sonhadores fumadores de ópio” (KSA, 1, 1988, p. 288). Esse “verniz” fará com que o leitor desavisado acabe considerando um ato de justiça, “que o passado seja narrado sem dureza e sem a expressão do ódio” (KSA, 1, 1988, p. 289).

3. É essa espécie “terrível de historiadores”, que pensa que fazer justi-

ça ao passado “é escrever de acordo com a época”, tornando esse tempo “gemäss” (num jogo de Nietzsche com sua própria postura “ungemäss”), que cria alguma coisa de inaudito: a idéia de “objetividade” na história. “Esses historiadores ingênuos - observa Nietzsche - chamam de objetividade ao modo de apreciar os atos e idéias do passado de acordo com as opiniões correntes do momento; aqui, eles encontram o cânon de todas as verdades; seu trabalho é ajustar o passado às trivialidades do momento” (KSA, 1, 1988, p. 289). Nietzsche desqualifica totalmente o desejo de objetividade do Historicismo. Ele denuncia aí mesmo na idéia de “objetividade”, uma “subjetividade” à toda prova, sujeita às injunções do momento. Assim, o “presente”, o “momento”, é para o Historicista apenas um pretexto para “docilizar” o passado, para dobrar a sua força, para torná-lo digerível, para subtraí-lo de toda possibilidade de violência, reversão, subversão.

4. A idéia de um progresso inexorável, onde o “momento atual” pode dar-se ao luxo de tornar-se juiz do passado também é violentamente criticada por Nietzsche, que opõe sempre aos “modernos” embrutecidos pelo excesso de história e reduzidos à “enciclopédias ambulantes” (a “papagaios”, diríamos nós), dominados pela “ciência”, a civilização grega guiada pelos “instintos artísticos” e por algumas “ilusões fortes”: “Cegam-se algumas aves, para que elas cantem melhor; eu não acredito que os homens cantem melhor agora do que seus antepassados, mas eu sei que os cegam a tempo” (KSA, 1, 1988, p. 299). Essa “cegueira” prematura do homem moderno é incentivada pelo Historicismo encarnado e triunfante nas instituições escolares e universitárias, onde o jovem é obrigado a “percorrer com pressa todo o campo da História universal, como nós percorremos correndo museus e concertos”.

5. Nietzsche vai fazer igualmente uma crítica da História compreendida à maneira de Hegel ou melhor, do hegelianismo de seu tempo que considera de uma “influência prodigiosa” e, por isso mesmo, perigosa⁸ (KSA, 1, 1988, p. 308). Ele considera a idéia de “processo universal” perigosamente próxima da idéia de progresso e a “miséria de conhecimentos” de seus defensores um acabamento da História Universal: “um tal modo de pensar acostumou os alemães a falarem de **processo universal** e a justificar o seu próprio tempo como o resultado necessário desse processo; um tal modo de pensar colocou a História como única soberana no lugar de outras forças do espírito como a arte e a religião, na medida em que ela é ‘o conceito que se realiza em si mesmo’, ‘a dialética dos espíritos nacionais’ e o ‘tribunal do mundo’” (1988, p. 308). Para Nietzsche, essa história é uma “teologia camuflada”, que outorga à ciência o que antes, na Idade Média, outorgava-se a Deus (KSA, 1, 1988, p. 305).

6. Ele identifica o “sentido histórico” no sentido do Historicismo, onde o hegelianismo está incluído, como uma “atitude passiva e retrospectiva”, que apenas o “esquecimento” pode interromper. “O sentido histórico torna seus servidores passivos e retrospectivos; e é quase apenas no esquecimento momentâneo ou já na intermitência desse sentido, que aquele que está adoentado da febre histórica torna-se ativo, para, uma vez passada a ação, dissecá-la, para bloquear seus efeitos analisando-a e, finalmente,

⁸ O “anti-hegelianismo” do jovem Nietzsche descende de Burckhardt e Schopenhauer e decorre menos de uma leitura atenta de Hegel e mais de uma atitude “crítica” diante dos hegelianos. Assim, embora em fragmentos póstumos da época da elaboração da 2ª *Extemporânea* (Verão-Outono 1873, 29 [73] e [74]) Nietzsche tenha citado algumas passagens da “Introdução” às *Lições sobre a Filosofia da História*, seu conhecimento de Hegel é sempre “apenas de segunda ou terceira mão” (Cf. Salazar, 1984, p. 20, nota 49). No caso da 2ª *Extemporânea*, por exemplo, o alvo direto de Nietzsche é menos Hegel e mais Eduard von Hartmann.

escalpelizando-a, torná-la História” (KSA, 1, 1988, p. 305); já na “Introdução” à **2ª Extemporânea**, Nietzsche se refere aos modernos como os que sofrem de uma “febre histórica decoradora”. O “esquecimento” é visto aqui não como uma *vis inertia*, mas como algo necessário para interromper essa “atitude passiva e retrospectiva”. A “possibilidade de esquecer” é entrevista desde o início da **2ª Extemporânea** como necessária para interromper o “abuso” de história. Aquele que é incapaz de esquecer, é incapaz de saber o que é essa “felicidade” exclusiva do animal - na medida em que este não possui “memória” - é que o homem não pode deixar de contemplar (e invejar) incessantemente a sua frente (KSA, 1, 1988, p. 249).

Nestes seis pontos aqui colocados, podemos reconhecer alguns pontos-chave da crítica de Benjamin, que também deplora toda idéia de “veneração e conservação” do passado, apesar de todos os intérpretes que insistem em acentuar seu lado nostálgico e melancólico. Benjamin também descarta essa espécie de retorno a uma origem feliz, seja esta o paraíso celeste ou o paraíso do comunismo primitivo; desconfia dessa fé obstinada no progresso e da verbosidade historicista que busca apressadamente a “totalidade”; protesta contra toda forma de “docilização” do passado, insistindo nas suas feridas não cicatrizadas; desconfia da idéia de “processo”, porque igualmente se distancia de toda pretensão de uma História Universal; considera fundamental, enfim, a idéia de um “esquecimento ativo”, que tem a mesma função fundamental que lhe outorgava Nietzsche: a de interromper a verbosidade, o abuso, o ex-

cesso que acabava por nivelar tudo. Na mesma carta a Gretel Adorno citada anteriormente, Benjamin reafirma, a propósito das “Teses”, a ligação necessária entre memória e esquecimento: “[estas reflexões] deixam-me presumir que o problema da lembrança (e do esquecer), que nelas aparecem em outro plano, me ocuparão ainda por muito tempo”¹⁰. Por fim, também Benjamin se distancia da idéia de “processo”, embora não tenha se distanciado tanto de Hegel quanto Nietzsche. Vemos que esse distanciamento vai de par com a idéia de “interrupção” que é, sem dúvida, o modo pelo qual o problema do “esquecer” aparece nas “Teses”, tal como a carta a Gretel Adorno insinuara. Assim, diz a Tese XVII. “Ao pensar pertence não só o movimento dos pensamentos, mas também sua imobilização. Onde o pensamento se detém repentinamente numa constelação saturada de tensões, ele confere a ela um choque através do qual se cristaliza como mônada”. A idéia de interrupção, de “cesura”, interrompe o fio da causalidade mecânica entre os acontecimentos assim como, ao nível da linguagem, interrompe a falsa “epicidade” da narrativa historicista, que quer dizer tudo, dar conta de tudo, explicar tudo.

Nessa perspectiva, insistimos, não é ocasional que a Tese XII tenha como epígrafe uma citação da **2ª Extemporânea**: “Precisamos da história, mas precisamos dela de outra maneira que aquele caminhante mimado que vagueia pelos jardins do saber” (KSA, 1, 1988, p. 245). Se lermos a Tese XII, vemos que ela mobiliza determinados afetos - a vingança e o ódio - como características da classe oprimida, aquela que “em nome de gerações de batidos, leva a termo a obra da libertação”. Elencando os nomes de

⁹ Apenas para lembrar: a crítica do Historicismo já está no *Origem do Drama Barroco Alemão*, onde Benjamin o descreve com imagens patológicas que se estão muito próximas de Freud, encontram em Nietzsche também uma ancoragem (GS I-1, 1992, p. 232). Benjamin inicia sua descrição exatamente assim: “Como um doente ardendo em febre”.

¹⁰ (GS I-1, p. 232). Benjamin chama as “Teses” nesta carta, ora de “Reflexionen” [Reflexões] e ora de “Betrachtungen” [Considerações] [sic].

Marx, dos Spartakistas e de Blanqui, Benjamin combate duramente a Social-Democracia por ter esvaziado a classe oprimida desses sentimentos (“Ela [a social-democracia] cortou-lhe assim o tendão de sua mais preciosa força”), levando-a a um estado de absoluto conformismo. Ora, toda a **2ª Consideração Extemporânea** luta contra o caráter paralisante e passivo do Historicismo, por sua ânsia exclusiva de “saber”, de perder-se nas “minúcias bibliográficas”. A história assim concebida, perde seu poder crítico, sua capacidade de tomar o presente como foco de interesse, enredando-se de forma “culposa” (Nietzsche já fala aqui de “dívida” para com o passado, tema que ganhará dimensão central na *Genealogia da Moral*, em especial na 2ª Dissertação, sobre a “origem da má-consciência”) com o próprio passado. É necessário, tanto para Nietzsche como para Benjamin, construir uma outra idéia de história, onde teoria e ação caminhem juntas, onde a teoria não é mera especulação estéril e vazia. Certamente que, o que podemos chamar de ação em Nietzsche não é o mesmo que para Benjamin. Nietzsche está demasiado preocupado com uma nova idéia de cultura e de vida. Benjamin, ao contrário, pensa na idéia de Revolução. E se Benjamin mobiliza Nietzsche junto a essa estranha companhia - Marx, os Spartakistas e Blanqui - fazendo de Nietzsche, momentaneamente, um aliado dessa tríade, é porque Benjamin pensa com Nietzsche e através de Nietzsche para atacar um inimigo comum: a social-democracia. Não é o momento de aprofundarmos essa idéia. Mas ela está presente há muito tempo no horizonte de Benjamin, entre seus amigos anarquistas de Berlin ligados a Gustav Landauer e até mesmo nos círculos dos filósofos judeus (entre eles Franz Rosenzweig) que ele, de vez em quando, freqüentava. Por outro lado, até mesmo entre os ferrenhos

críticos de Nietzsche, como Franz Mehring (o amigo, colaborador e também inspirador das críticas posteriores, de Lukács), a **2ª Extemporânea** encontra um fervoroso leitor. Comentando o livro de Ferdinand Tönnies sobre Nietzsche - *Der Nietzsche-Kultus* - Mehring (1975) diz discordar da pouca importância que Tönnies dera à 1ª e à 2ª Extemporânea. Sobre a Segunda, diz explicitamente que ela é mais rica do que a Primeira, considerando de suma importância, entre outros, sua crítica à pretensa “objetividade” do Historicismo (1975, p. 204-205). Mas, a Tese XII ainda nos permite uma outra conexão com Nietzsche e a **2ª Extemporânea**. Para entendê-la é necessário, a nosso ver, fazer um desvio pelo ensaio sobre Fuchs.

III

É em uma carta a Horkheimer, de 22.02.1940, que Benjamin anuncia ter escrito “um certo número de teses sobre o conceito de História”. Nesta mesma carta, a importância e o lugar estratégico das “Teses”, no contexto dos seus últimos trabalhos e preocupações, são enfatizados por Benjamin: “Essas Teses - escreve ele - se ligam, por uma parte, às vias que se encontram esboçadas no capítulo I do ‘Fuchs’. Por outra parte devem servir de armadura teórica ao segundo ensaio sobre Baudelaire. Elas constituem uma primeira tentativa de estabelecer uma cisão irremediável entre o nosso modo de ver [a História] e as sobrevivências do positivismo que, segundo penso, reproduzem tão profundamente mesmo aqueles conceitos de História que, neles próprios, nos são os mais próximos e os mais familiares”. De fato, examinar o pioneirismo de Fuchs no campo da estética materialista, exigia para Benjamin a crítica da perigosa proximidade entre marxismo e positivismo e entre marxismo e historicismo. Embora Benjamin retome

nas "Teses" vários elementos da sua crítica ao Historicismo, no ensaio sobre Fuchs existe algo que, explicitamente, desaparece das "Teses", que é a relação entre positivismo, historicismo e ciências da natureza. Fazendo a crítica dos rumos tomados pelo marxismo a partir da II Internacional, Benjamin pode realizar então a crítica dessa absorção do marxismo ao historicismo positivista vitorioso na II Internacional. As observações de Benjamin no ensaio sobre Fuchs acerca da influência do Darwinismo na concepção de história da social-democracia, concebida como uma seqüência lógica de eventos, se dirigem contra o avanço de um conceito de desenvolvimento na teoria da mudança social, baseado na observação da natureza e na crescente recusa de intervenção política da classe operária na História (Greffrath, 1975).

É neste diapasão, que Benjamin vai criticar a transformação operada pelo Partido Social Democrata no trabalho de "formação" (Bildung) dos "quadros". A enorme quantidade de filiados levará o SPD a cada vez mais desprezar o trabalho de formação teórica, substituindo-o por "meros esclarecimentos políticos e de ordem das ciências da natureza" (GS II-2, 1992, p. 472), vulgarizando a "teoria da mais-valia" e os pressupostos teóricos do marxismo em geral. O fundamento conceitual e histórico do marxismo desaparece nos "folhetins" do partido. Desse ponto de vista, se coloca, segundo Benjamin "o problema da 'popularização da ciência' em toda a sua grandeza". A consequência maior dessa "vulgarização" é a transformação da "classe" operária em mero "público". Está aberto o caminho para o "conformismo", para esse sufocamento dos afetos como "vingança" e o "ódio".

É no contexto dos problemas da "popularização da ciência" que a 2ª **Consideração Extemporânea** é invocada. Ben-

jamin se refere a uma passagem da 2ª **Extemporânea** onde a crítica de Nietzsche à transformação da "ciência" em "profissão" (para retomarmos o texto de Benjamin *A Vida dos Estudantes*) é feroz. Nietzsche compara o jovem estudante de história aos "escravos prematuramente utilizados nas fábricas" e diz que a mais recente geração de sábios só pode ser descrita no "vocábulo dos patrões", nas "palavras da fábrica, nas palavras do mercado de trabalho, da oferta e da procura, da produtividade e outros vocábulos próprios ao egoísmo. A honesta mediocridade é cada vez mais medíocre, a ciência cada vez mais produtiva, no sentido econômico da palavra" (1988, p. 300). Como última consequência dessa transformação da ciência em profissão, Nietzsche cita, justamente, a sua "popularização". "Utilizando um vocábulo de alfaiate para designar uma atividade de alfaiate" (1988, p. 301), tal "popularização" significa querer vestir à força "no corpo de um público heterogêneo a roupa da ciência".

Se retomarmos à Tese XII veremos que Benjamin se refere à "escola" da social-democracia, uma "escola" onde "a classe trabalhadora desaprendeu igualmente o ódio e a disposição de sacrifício, pois ambos (os sentimentos) se nutrem da visão dos ancestrais subjugados e não do ideal dos pósteros libertos". Nessa referência a uma "escola" onde se "desaprende", vimos que a referência anterior do ensaio sobre Fuchs acerca da transformação da "classe" em "público", retorna nas entrelinhas. O Benjamin da chamada "maturidade", pelas vias mais tortuosas, retoma um *leit-motiv* do Benjamin engajado no Movimento de Juventude: a questão da "escola" e da sua utilização política. A "escola" social-democrata aparece assim prefigurada na "escola" que os primeiros trabalhos de Benjamin, de uma forma bem diferente, criticava. A escola burguesa criticada nesses primeiros escri-

tos é correlata à escola da social-democracia, da mesma maneira que, numa e noutra, retomam-se os mesmos pressupostos “historicistas” da concepção de temporalidade. Em ambos os momentos, em ambos os contextos, o diálogo com a **2ª Consideração Extemporânea** foi importante, decisivo, oportuno. No texto de Nietzsche, numa leitura certamente muito particular, Benjamin encontrou, desde sua juventude, uma ressonância necessária para questões que o ocupavam. Isso não o transforma num nietzscheano a mais, nem o faz sucumbir aos abismos de um “irracionalismo de esquerda”, mas mostra como ele mobilizou Nietzsche “como uma caixa de ferramentas” (para retomar uma expressão de Foucault) escrevendo as suas próprias considerações acerca “das vantagens e desvantagens da História”. Com isso, Benjamin igualmente, não faz de si mesmo um “paradigma”, mas antes e também uma “caixa de ferramentas”. Saber como manuseá-la, entender a sua engrenagem sem cair nas armadilhas da “popularização” que ele mesmo denunciou, é o desafio que ele legou aos seus leitores de hoje.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIN, W. *Gesammelte Schriften* [Escritos reunidos]. Frankfurt: Suhrkamp, 1991.
- GAGNEBIN, J. M. *História e Narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 1994.
- GERHARDT, W. *Leben und Geschichte. Menschliches Handeln und historischer Sinn in Nietzsches zweiter Unzeitgemässer Betrachtung* [Vida e História. Ação humana e seu sentido histórico na 2ª Consideração Extemporânea de Nietzsche]. In: *Pathos und Distanz. Studien zur Philosophie Friedrich Nietzsches*. Stuttgart: Reclam, 1988.
- GREFFRATH, K. *Der Materialist als dialektischer Historiker* [O Materialista como historiador dialético]. In: Bultmann, P. (Ed.), *Materialien zu Benjamins Thesen Über den Begriff der Geschichte*. Frankfurt: M, Suhrkamp, 1975.
- KONERSMANN, R. *Erstarrte Unruhe. Walter Benjamin Begriff der Geschichte* [Inquietação petrificada. O conceito de História em Walter Benjamin]. Frankfurt: M, Fischer, 1992.
- MEHRING, F. *Über Nietzsche* [Sobre Nietzsche]. In: *Aufsätze zur Geschichte der Philosophie*. Leipzig: Reclam, 1975.
- NIETZSCHE, F. *Kritische Studien-Ausgabe* [Edição crítica]. Berlin/München: Walter de Gruyter/DTV, 1988.
- SALAGUARDA, J., *Studien zur Zweiten Unzeitgemäss Betrachtung* [Estudo sobre a 2ª Consideração Extemporânea]. Nietzsche-Studien. 13, 1984.
- SCHOLEM, G. *Walter Benjamin. História de uma Amizade*. São Paulo: Perspectiva, 1989.
- SCHÜTZ, O. *Nietzsche als Prophet der deutschen Jugendbewegung* [Nietzsche como profeta do Movimento de Juventude Alemão]. *Neue Jahrbücher für Wissenschaft und Jugendbildung*, 5, 1929.